

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação  
**Fazenda Castelo da Luz**

código  
**AV - FO3 - SJVRP**

localização  
**Estrada do Calçado Grande, s/nº, Belém**

município  
**São José do Vale do Rio Preto**

época de construção  
**não determinada**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residência de veraneio / residência e estalagem**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



fonte: IBGE - Anta



Entrada principal da fazenda

coordenador / data **Francyla Bousquet – dez 2008**  
equipe **Maciel Zanette**  
histórico **Francyla Bousquet (dados obtidos com a Sra. Anna Werneck Ruótolo, proprietária da Fazenda Belém)**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**

A Fazenda do Castelo da Luz fica localizada aproximadamente a 5 km adiante da Fazenda Valverde, seguindo por uma estrada asfaltada bastante razoável, porém, em alguns trechos com passagem para apenas um carro. Sempre tomando à esquerda nas bifurcações que aparecem pelo caminho, chega-se à Fazenda Castelo, observando-se que o seu portão principal, vedado por chapas metálicas, não remete mais às típicas portei- ras de fazendas, tão comuns na região (f01). Outra entrada, anterior a esta, permite o acesso ao curral e às pastagens que o cercam, sendo utilizada para circulação de animais (f02).

Distante da área urbana, a Fazenda Castelo da Luz está a meio caminho de outras fazendas importantes da região, como a Belém, a Calçado, a Calçadinho e a Santa Cruz, todas originárias da Fazenda Calçado, que se constitui na propriedade-mãe de todas essas outras. Em frente à Castelo da Luz inicia-se o caminho de acesso à Fazenda Belém.

Transpondo o portão principal, um arruamento calçado em pedra, com um forte aclave, direciona o visitante à casa-sede (f03), não à entrada social da residência, mas à lateral da edificação, onde estão posicionadas grandes portas que permitem o ingresso no interior do pavimento térreo (f04).

A área ocupada pela fazenda é compacta, cercada de densa e exuberante mata, com árvores de grande e pequeno porte e um relevo que se acentua fortemente a partir do fundo da sede. Praticamente todas as edificações encontram-se sob platôs situados acima do nível da estrada, observando-se, lateralmente, um aclave a partir da garagem, rumo à cocheira. Nos jardins da propriedade podem ser observados um relógio de sol, próximo à piscina (f05) e um pelourinho, junto à sauna (f06). Ambas as peças apresentam estrutura em concreto, o que as posiciona em outro período da história do local.

Corta a propriedade, à direita, o leito de um pequeno riacho, hoje seco, mas que em período de grandes chuvas escoava água proveniente do transbordamento de alguma nascente próxima. Sobre ele lança-se uma pequena ponte de pedestre – na verdade uma comporta, ainda utilizada para a formação de um lago –, que serve de interligação com o terreno onde está localizada a casa do administrador. As margens desse riacho encontram-se bastante erodidas, com vegetação esparsa sem que esta assegure, no entanto, a sua estabilidade em época de precipitações mais substanciais. O curso d'água mais próximo é o rio Calçado e nele, a aproximadamente 10m adiante da entrada da estância, existia uma pequena hidrelétrica, que garantia a autonomia de energia da fazenda (f07). Hoje o local está com os portões fechados e a geração de energia independente interrompida.

A implantação do conjunto dos edifícios que compõem a fazenda ocorre ao longo do eixo longitudinal da estrada, aproveitando a pouca profundidade disponível dos terrenos da propriedade. Assim, sucedem-se à sede o Castelinho, o tanque de água, a garagem, a piscina, a sauna e o estábulo, nessa ordem, partindo da entrada principal da fazenda. Entre a piscina e o estábulo existe uma área com embasamento de pedra (f08 e f09), a qual poderia ser confundida com um antigo terreiro de café, possibilidade que não se verificou, afinal.



01



02



03



04



05



06



07



08



09

As edificações originárias da fazenda resumem-se à casa-sede e à pequena casa lateral, hoje chamada de Castelinho (f10). As demais construções – canil, garagem, sauna e estábulo – são mais recentes, provavelmente executadas para servir ao uso atual para descanso e lazer dos proprietários.

As coberturas em telhas coloniais dessas edificações antigas parecem já ter passado por recuperação, o que se pode perceber através de sinais como a inserção de novas águas (frontão da fachada dos fundos da sede – f11), a presença de forração em chapa metálica nos rincões e, principalmente, pela observação de telhas de canal modernas, nas áreas de telha vã. Esta última providência, inclusive – a de manter as telhas de capas antigas e substituir apenas as de canal –, é uma solução que se repete em outras fazendas. Curioso, apenas, que se trate de telha de coloração diversa da comum, acentuando bastante a diferença entre ambas. O arremate dos beirais recebe tratamento simples de chanfrado na ponta dos caibros que ali aparecem, assemelhando-se ao acabamento do tipo encachorrado. Também foi identificada a presença de telhas cerâmicas de quina (f12).

A casa-sede é, na verdade, a união de duas construções – de caráter social e de serviço, respectivamente –, através de um corredor coberto. A construção mais elaborada, localizada logo à entrada da propriedade, apresenta dois pavimentos, enquanto a edificação posterior, à qual se encontra ligada, apresenta apenas um nível.

A parte social não apresenta porão, mas apenas térreo e 1º pavimento. A interligação entre ambos ocorre através de pequena e recente escada – parte desenvolvida internamente, parte externamente à construção (f13) –, o que sugere a inexistência anterior de comunicação interna entre os pavimentos. Apesar de os degraus internos dessa escada serem em madeira cortada à enxó, o provável é que se tratem de peças reaproveitadas, para manter a concordância de estilo com o restante do ambiente, que é rústico. Já a parte externa, cujo lance se desenvolve no pátio interno da sede, é em placas pré-moldadas.

O embasamento da casa é todo em pedra – paredes e pilares centrais. Esses pilares são constituídos de blocos maciços, rejuntados com argamassa e pedriscos. Tais estruturas verticais encaixam-se perfeitamente em barrotes mestres, de seções iguais aos pilares de pedra, que fazem a sustentação de todo o andar superior, aliados a barroamento secundário, também de dimensões extremamente generosas (f14).



10



12



11



13



14

A tipologia arquitetônica do andar inferior difere completamente do pavimento superior, traduzindo um espaço destinado para finalidade distinta. Essa diferenciação ocorre, inclusive, nas esquadrias, pois as janelas, externamente, têm folhas cegas, com um friso vertical central – característica semelhante à encontrada nas áreas de serviço dessa propriedade – e internamente, guilhotinas em caixilhos de vidro. As janelas frontais da lateral direita possuem, nas folhas cegas, um recorte em forma de rosácea (f15). As portas acompanham o padrão de folhas cegas das janelas. Na parte superior as esquadrias têm fechamento triplo: internamente com folhas cegas almofadadas; a esquadria intermediária é em guilhotina de caixilharia de vidro; havendo, externamente, folhas duplas de abrir em veneziana (f16). As venezianas apresentam réguas irregulares, de padrão diferente do existente no mercado, podendo ser de fato originais da casa, ou pelo menos uma esquadria antiga.

Toda essa área do térreo encontra-se com piso novo: cerâmica crua simples e piso em estreitas tábuas de madeira, de padrão comercial atual. Mesmo os ladrilhos hidráulicos de padronagem antiga, ali observados, apresentam paginação perfeitamente casada com o restante das demais peças novas, sinalizando a inserção desses apenas para compor o novo contexto, não sendo, portanto, originais do ambiente.

O banheiro existente nesse pavimento localiza-se em espaço abaixo do *hall* principal do primeiro pavimento. Foi construído sobre patamar mais alto, provavelmente assim executado para possibilitar a condução das tubulações de esgoto do local. É, no entanto, um cômodo de antiga serventia, pois exibe no forro os barrotes ainda com resquícios de tinta, denotando uma utilização anterior da área (f17).

A entrada principal para o 1º pavimento é feita através de escada em pedra, cujo arranque é ladeado por duas pinhas de porcelana (f18) e está posicionada em frente a uma fonte de pedra, instalada no eixo da fachada principal (f19). Chega-se a um hall, de onde se pode ter uma boa visão da parte fronteiriça da propriedade, através das esquadrias de caixilho de vidro que protegem o espaço. Ali o piso é de réguas de madeira em dois tons, que estabelecem um listrado de tábuas claras e escuras (f20), arrematado com rodapé alto de borda reta, o qual se repete por toda a casa.



15



16



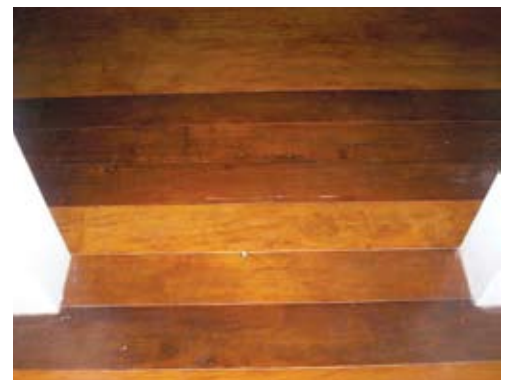
17



18



19



20

A residência propriamente dita, de modestas dimensões, aparentemente não possuía alcova, pois todos os quartos são voltados para a parte externa, não havendo nenhum ambiente da casa que não tenha ventilação ou iluminação natural.

As áreas de uso comum desse 1º pavimento exibem acabamentos mais refinados, o que é compreensível, uma vez que esses cuidados refletem o *status* dos recintos. Assim, foram identificados nestes cômodos tabuados em dois tons, formando desenhos (com ou sem tabeira), além de forro saia-e-camisa com moldura de arremate, acompanhado de uma série de frisos que formam um roda-teto, conferindo imponência ao acabamento (f21). No restante dos ambientes, o forro e o piso são do mesmo material descrito, porém sem os acabamentos acima citados.

O piso encontrado no atual quarto junto à fachada principal da propriedade também é bicolor, sinalizando sua utilização original como espaço de convivência e não como um ambiente destinado à utilização íntima (f22). Atrás desse quarto, na única suíte existente, o banheiro foi acrescido ao volume da edificação, sendo possível identificá-lo, externamente, na fachada direita da casa (f23 e f24).

O banheiro social do pavimento – revestido em ladrilho hidráulico – e o *hall* que lhe dá acesso, tiveram sua área conquistada através de subdivisão do quarto fronteiro à sala de estar (f25). Tal conclusão é possível pela observação das interrupções de forro e paginação de piso, exatamente junto às paredes que hoje delimitam o novo sanitário (f26).



21



22



23



24



25



26

A ligação entre a área social e a de serviço ocorre a partir da sala de jantar, através de um corredor envidraçado (f27), no qual são identificados dois estágios, perceptíveis nas diferenças de nível e de revestimento (f28). No primeiro estágio, diretamente ligado à parte social da casa, aporta a escada advinda do térreo (f29).

Esse primeiro trecho, com piso em tabuado de duas cores, no mesmo nível da sala de jantar, é feito todo em madeira aparelhada, inclusive caibros e ripas. É uma ligação extremamente leve para o padrão da casa, com fechamento em caixilharia de vidro, com teto mais baixo e roda-teto liso, reproduzindo, de forma mais simples, o acabamento dos tetos das áreas mais nobres, fato que pode sinalizar sua execução em época distinta (f30). Essa extensão, que abriga um armário que provavelmente serve de louçaria, é finalizada com dois degraus em pedra bruta, sinalizando um revestimento de parte externa, e uma porta de folha bastante larga, de padrão igual as das demais esquadrias da área de serviço (f31).

O segundo trecho dessa ligação aparenta ser de época anterior, com telhas e peças de madeira antigas, com vazios nas alvenarias sugerindo encaixes. A partir dos degraus de pedra, o restante da circulação desenvolve-se aberto, sem esquadrias, embora permaneça coberto (f32); o piso em tapete de cimento queimado e ladrilho hidráulico é um revestimento mais recente. Dessa área se pode chegar à parte posterior da sede, a qual ainda apresenta porta que dá acesso à parte externa. A entrada para o pátio interno acontece exclusivamente através de dois portões, um voltado para a fachada lateral direita (f33) e outro existente nesse último trecho da interligação entre as edificações.



27



28



29



30



31



32



33

Nesta edificação aos fundos, que possui cunhais de madeira cortados à enxó, como na sede, ficam a área de serviço e dois quartos de hóspedes – um mais ao fundo e outro próximo ao acesso lateral. Suas esquadrias possuem maiores dimensões que as demais, com exceção da porta lateral que vai para o jardim, que é menor – uma porta certamente nova, com caixonete de seção mais delicada. Esta saída lateral, no entanto, já deveria existir, a julgar pela pequena escada de pedra que lhe dá seqüência (f34). No restante dos ambientes, as portas são de folha única e grande largura, cegas e com friso vertical, caracterizando tratar-se realmente de área menos nobre que a edificação principal; pois apenas a porta da cozinha possui duas folhas almofadadas.

Ao lado da cozinha, revestida com ladrilho hidráulico e cimento queimado, existe um pequeno desnível para outra área com piso de mesmo tipo, mas com esquadrias diferentes das demais – o fechamento que ali ocorre é típico das antigas senzalas (f35), com montantes de madeira afixados em cima e embaixo, estabelecendo ao mesmo tempo ventilação e grade de segurança.

Através da cozinha se tem acesso à área de serviço e ao último quarto de hóspedes. Parte dessa área encontra-se coberta com telhado novo, cujas madeiras são aparelhadas, diferindo do restante da construção, que é cortada à enxó, sinalizando que essa cobertura é posterior (f36). Ela desenvolve-se perpendicularmente à cumeeira do volume de serviço e sob ela existe um piso com tabeira em laje de pedra, o qual emoldura piso em tijoleira – este, provavelmente, o mais antigo (f37). Essa tabeira em laje de pedra estabelece uma divisão de níveis, coletando nas áreas mais baixas as águas de chuva, drenadas por uma saída, hoje feita no cimentado, mas que poderia ter sido anteriormente uma canaleta de drenagem para essa parte dos fundos.



34



35



36



37



O banheiro da suíte, ao fundo, além do ambiente de estar que ali também existe, configuram-se, provavelmente, como acréscimos (f38), apresentando a estrutura de cobertura em madeira aparelhada. Reforça essa suspeita a existência de arremate coincidente com o restante dos beirais, exatamente na transição entre o volume mais alto e o mais baixo, onde há o encaixe do telhado do estar/banheiro com o volume de serviços (f39). No entanto, na parede lateral desse suposto acréscimo (voltada para a área de serviço), existe uma dobradiça antiga de grande dimensão, indicando o suporte de uma esquadria pesada e vetusta (f40).

A área da lavanderia, contígua ao forno de cerâmica, também é recente, apesar das telhas antigas: apresenta piso de cimento queimado com ladrinhos hidráulicos e esquadrias que repetem o padrão anterior (f41). Nessa pequena área dos fundos, é provável que apenas existisse a alvenaria que delimita o seu perímetro.

O passeio em volta da casa alterna cerâmicas novas, tijoleiras de menor e maior tamanho (algumas bem mais antigas que outras), lajeado de pedra, além de terra batida – uma ocorrência comum em relação às demais fazendas (f42).

A construção ao lado da sede, intitulada Castelinho, é reservada pelos proprietários para a hospedagem dos seus visitantes e apresenta dois acessos: um principal, através de escadaria de pedra (f43), e outro lateral, posicionado em platô que separa a sede dessa construção (f44). Esse acesso lateral é novo, a julgar pela madeira aparelhada do seu caixonete e pelos degraus que parecem improvisados, para atingir o nível interno da edificação. A porta desse vão lateral, no entanto, é uma esquadria antiga, pelas dimensões e tipo, embora o friso vertical nela existente seja um pouco diferente do restante dos existentes na casa.



38



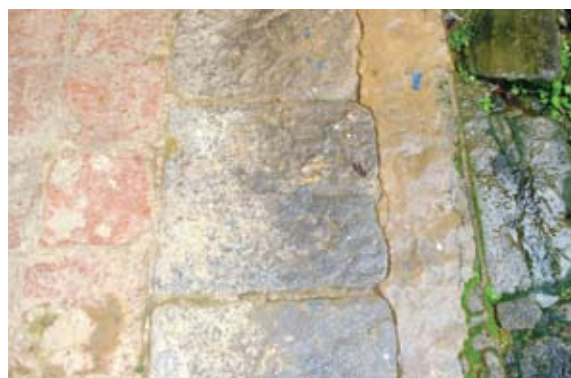
39



40



41



42



43



44

Trata-se de uma edificação também antiga, com telhado de duas águas, madeiramento estrutural interno parcialmente exposto, cunhais cortados à enxó (f45) e esquadrias ensilhadas<sup>1</sup> (f46). O forro atual – um ripado de largura reduzida, com acabamento em pintura branca – é novo, aplicado diretamente no dorso da cobertura que acompanha seu caimento, o que determina um generoso pé-direito (f47). As estruturas do telhado são provavelmente originais, pois são de grande porte e marcadas à enxó. O piso de madeira também é novo, o que se estima pelas dimensões inferiores à largura dos pisos da sede (f48). Todas as características desta pequena edificação refletem sua utilização original como espaço de serviço.

Tanto as esquadrias quanto seus complementos – fechos, ferrolhos, puxadores e travas –, todos em ferro fundido, parecem ser originais. A porta principal dessa construção exhibe internamente uma trava que indica que essa não era a entrada principal desta edificação, tratando-se, provavelmente de uma porta de segurança, que é fechada somente por dentro, visto que não possui fechadura além da citada trava.

No interior dessa edificação existe, ainda, na parte posterior, uma suíte, cujos forros são mais baixos que no restante da construção, já horizontais e com arremate de canto, oferecendo uma área aconchegante e mais nobre (f49).



45



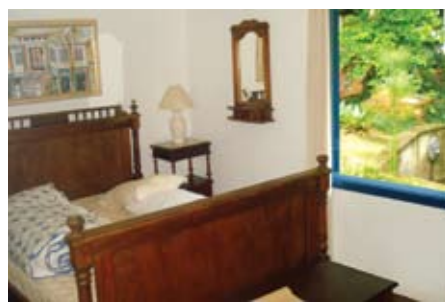
46



47



48



49

<sup>1</sup>Porta formada por tábuas grossas verticais, unidas por encaixe macho e fêmea, consolidada por travessas ou taleiras com seção em forma de cunha totalmente embutidas no tabuado vertical. Foi muito usada em edificações antigas mais modestas. É também chamada de porta relhada, porta enrelhada ou porta entaleirada.

A propriedade, e nisso incluem-se as suas edificações, apresenta excelente estado de conservação.

As intervenções realizadas, visando à modernização e à adequação das construções a novos usos, são perfeitamente identificáveis, realizadas com critério, não restando dúvidas entre o que é original e as intervenções posteriores. A modificação que talvez mais possa investir contra a idéia da preservação da volumetria do conjunto é o acréscimo do banheiro da suíte da sede, que adicionou um corpo estranho ao volume do edifício original.

Algumas pequenas patologias foram observadas no Castelinho e na sede, frutos de desgaste promovido pelo tempo e pelo uso, como também por razões de equilíbrio físico.

Assim, na sede, foram observados alguns pontos de infiltração em forros de madeira (f50) – provenientes provavelmente de telhas quebradas –, e uma fragilização pontual nas réguas de piso da sala de estar (f51), fato que serve de alerta quanto à possibilidade do ataque de cupins, comuns em locais quentes e úmidos como é o caso da região em questão.

Já o Castelinho apresenta algumas pequenas trincas nos cantos de esquadrias (f52), sinalizando a acomodação da edificação no terreno onde se encontra implantada, fato que não denota problema estrutural, mas apenas o equilíbrio das tensões nos revestimentos.



50

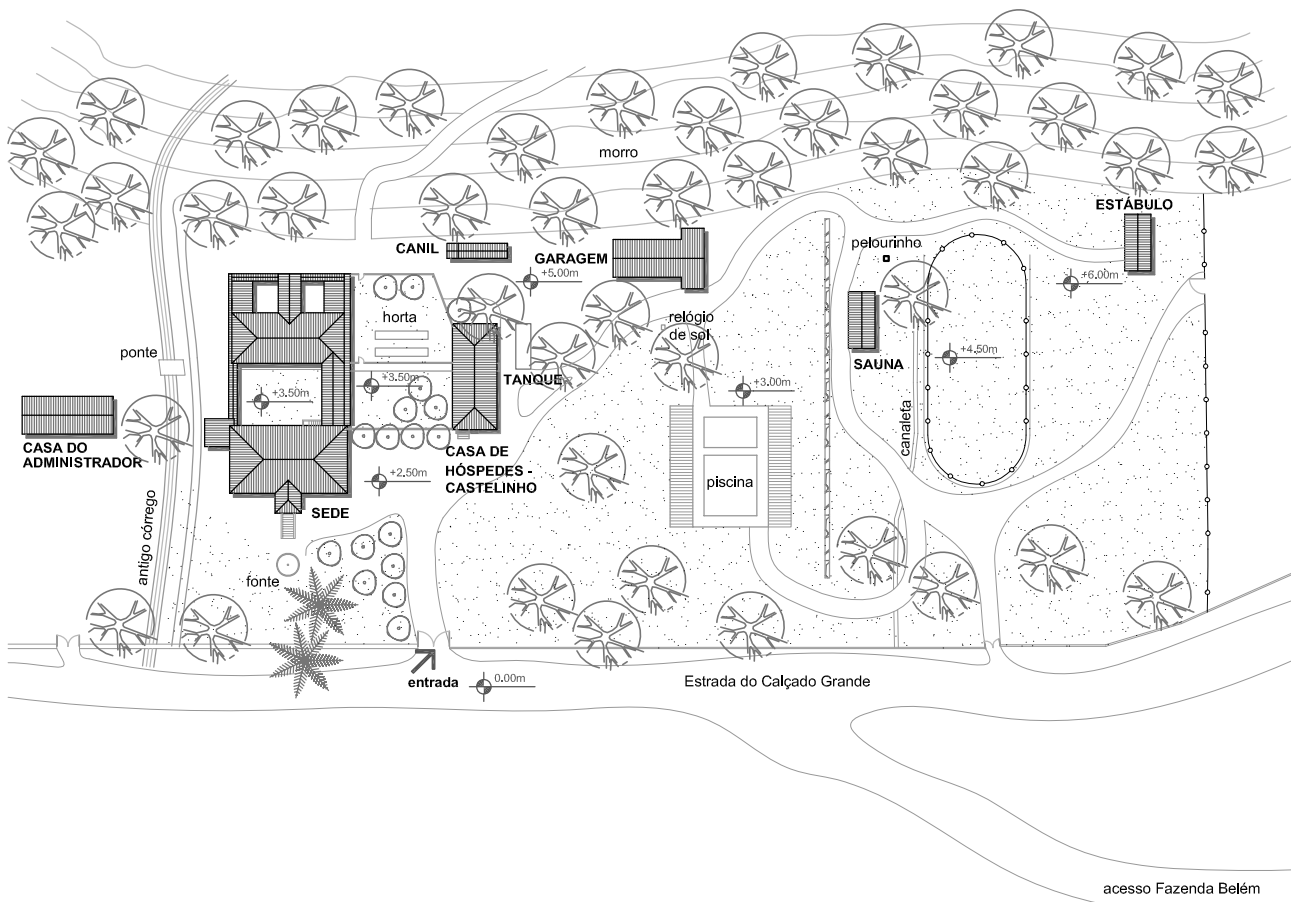


51



52

# FAZENDA CASTELO DA LUZ



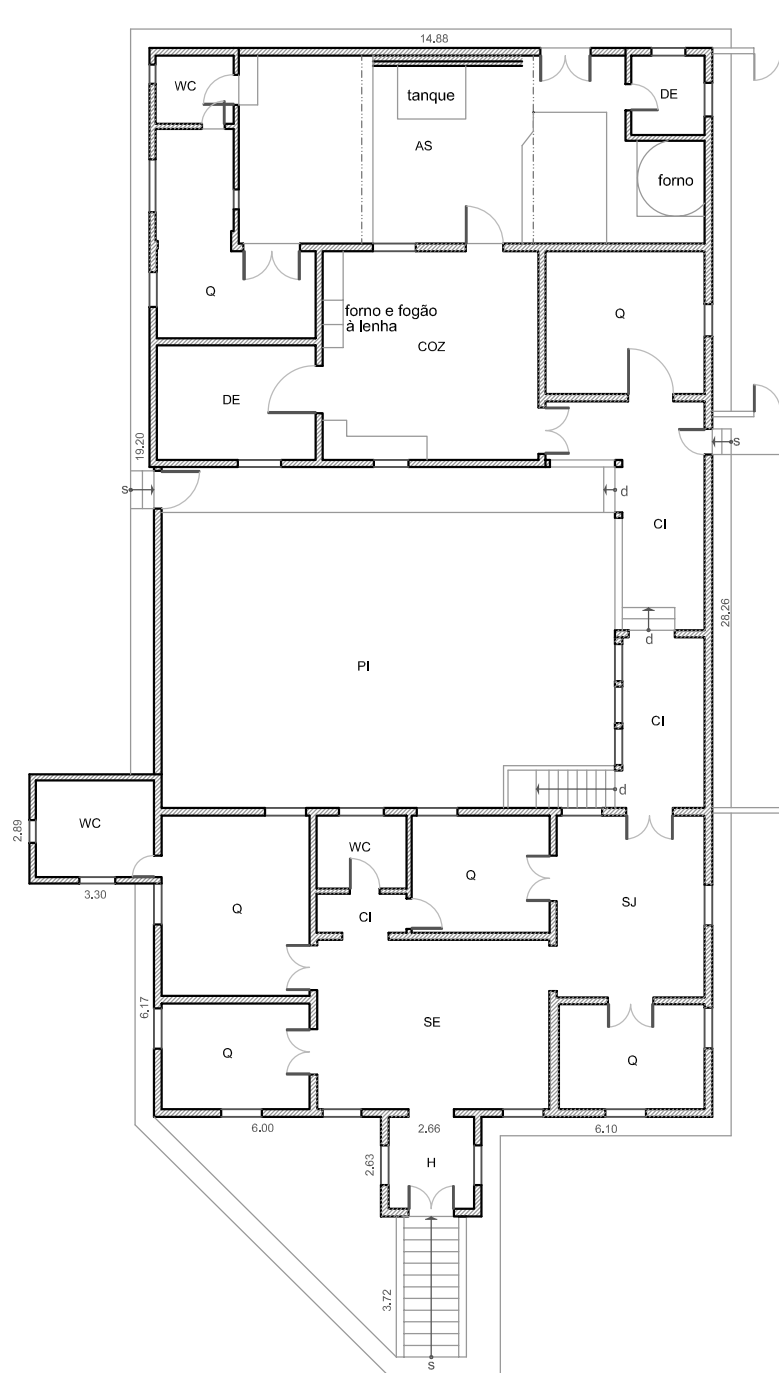
1

## Croqui Implantação

escala: 1/1000



**FAZENDA CASTELO DA LUZ**



**1** Planta Baixa da Sede  
escala: 1/200



AS - área de serviço	COZ - cozinha	H - hall	Q - quarto	SJ - sala de jantar	alvenaria existente
CI - circulação	DE - despensa	PI - pátio interno	SE - sala de estar	WC - banheiro	alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F03 - SJVRP

**2/3**

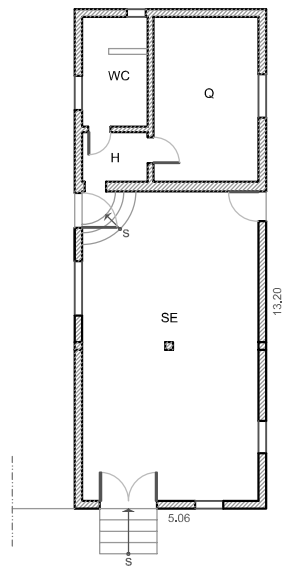
equipe:  
Francyla Bousquet / Maciel Torres / Priscila Oliveira

desenhista:  
Maciel Torres  
Priscila Oliveira

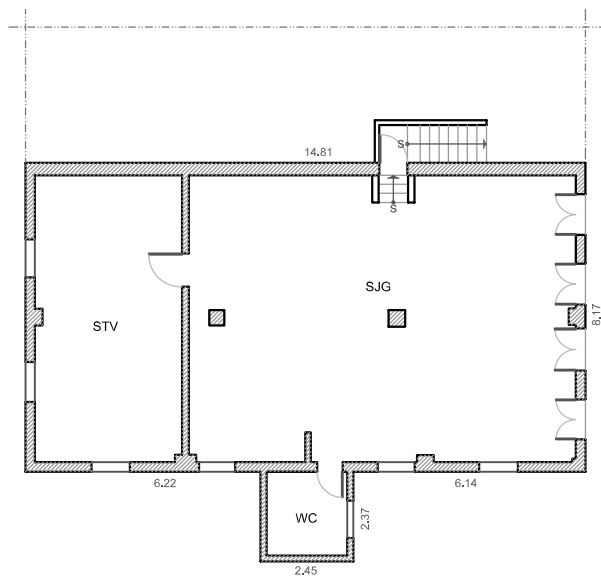
revisão:  
Francyla Bousquet

data:  
jan 2009

**FAZENDA CASTELO DA LUZ**



**2** Planta Baixa do Castelinho  
escala: 1/200



**1** Planta Baixa do Térreo  
escala: 1/200



Q - quarto  
H - hall  
SE - sala de estar  
SJK - sala de jogos  
STV - sala de tv  
WC - banheiro

▨ alvenaria existente  
▤ alvenaria demolida

Pouco se sabe sobre a Fazenda do Castelo, batizada por seus atuais proprietários como Fazenda Castelo da Luz (f53). Os dados que se seguem foram fornecidos pela Sra. Anna Werneck Ruótolo, considerada na região como uma estudiosa e conhecedora da história local, devido à tradição de sua família em São José do Vale do Rio Preto, além de uma vida inteira dedicada à Fazenda Belém, de sua propriedade, também localizada na região.

Originária das terras da Fazenda Calçado, a Fazenda Castelo, anteriormente conhecida como Sítio Castelo, foi desmembrada em favor de uma das filhas do seu proprietário, após o casamento desta. A propriedade deveria servir de residência para os noivos, fato que não ocorreu devido ao falecimento prematuro do casal, vitimado por uma doença infecciosa.

O local foi, então, vendido a um comerciante, que fez do lugar sua residência e meio de vida, fato que explica a similaridade da edificação principal com os antigos sobrados dos centros urbanos, os quais possuíam comércio no térreo e a residência de seus proprietários na parte superior. As amplas portas do térreo, voltadas para o caminho de entrada, convidam os recém-chegados a adentrar na edificação.

A construção batizada como Castelinho foi o paiol de estocagem de mercadorias, sendo, portanto, contemporânea da casa principal.

O estilo da residência reproduz o padrão das sedes de fazendas cafeeiras e, de forma mais simplificada, a própria Fazenda Calçado, nas suas esquadrias e arremates externos. Está localizada em meio a outras importantes fazendas da região. O presente levantamento esclarece a questão da sua origem e utilização primitiva, em meio ao forte contexto cafeeiro adjacente, recompondo a história do desmembramento da Fazenda Calçado.

